

Márcia Lemos

(Mestranda em Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Márcia Lemos, "Os Espaços de Resistência e a Resistência dos Espaços em Orwell e Zamiatine: *Nineteen Eighty-Four* e *Nós* revisitados", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 7 (2007). ISSN 1645-958X.
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

(...)
*I dreamt I dwelt in marble halls,
And woke to find it true;
I wasn't born for an age like this;
Was Smith? Was Jones? Were you?*

George Orwell

Nineteen Eighty-Four, de George Orwell, e *Nós*, de Evgueni Zamiatine, são duas das mais consagradas distopias do século XX. Raffaella Baccolini e Tom Moylan, na sua introdução à obra *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*, consideram mesmo que as duas, juntamente com *Brave New World*, de Huxley, constituem a forma canónica da distopia.

A verdade é que *Nineteen Eighty-Four* e *Nós* se aproximam não apenas pelo facto de serem duas distopias, mas por, em ambos os casos, anteciparem a engenharia social que, através do controlo do pensamento e do fim de toda e qualquer forma de subjectividade e de liberdade individual, conduzem à uniformidade do totalitarismo. A estas semelhanças não será certamente alheio o facto de *Nós* ter servido de inspiração a Orwell.

Neste trabalho proponho-me compreender de que forma funciona esta engenharia social e os diferentes espaços que nela se justapõem. Tendo como base a terminologia proposta por Kevin Hetherington, em *The Badlands of Modernity, Heterotopia and Social Ordering*, vou procurar:

- I. identificar heterotopias de controlo, em *Nineteen Eighty-Four* e em *Nós*, descrevendo o seu funcionamento e a sua influência no esvaziamento das liberdades individuais;
- II. localizar e analisar heterotopias de resistência construídas pelos indivíduos no contexto totalitário das obras supra-citadas;
- III. provar que as heterotopias de resistência apresentam uma durabilidade e uma resistência limitadas face ao poder das heterotopias de controlo.

Hetherington tem como base a teoria de Foucault, um dos pioneiros a tratar a questão do espaço e das relações de poder implícitas em cada espaço. Começemos por recordar aquilo que Foucault entende por heterotopias:

There are also, probably in every culture, in every civilization, real places – places that do exist and that are formed in the very founding of society – which are something like counter-sites, a kind of effectively enacted utopia in which the real sites, all the other real sites that can be found within the culture, are simultaneously represented, contested, and inverted. (...) Because these places are absolutely different from all the sites that they reflect and talk about, I shall call them, by way of contrast to utopias, heterotopias. (Foucault 1967)

Hetherington, por sua vez, define heterotopias como sendo *espaços de ordem social alternativa* (Hetherington 1997: 40), isto é, como espaços com um funcionamento diferente da ordem vigente. Todavia, segundo o autor, as heterotopias não são, ou não têm necessariamente de ser, espaços de resistência, podendo também constituir-se como espaços de controlo total:

In using the concept of heterotopia, it would be wrong to privilege either the idea of freedom or control. (...) It would also be wrong to associate heterotopia just with the marginal and powerless seeking to use Other places to articulate a voice that is usually denied them. An Other place can be constituted and used by those who benefit from the existing relations within a society (...). (Hetherington 1997: 52)

Um aspecto curioso é que aquilo que se afigura como uma heterotopia para um indivíduo pode não o

ser para os restantes. Tudo depende do lugar que cada um ocupa na escala de poder. Tome-se como exemplo *Nineteen Eighty-Four* e o *Big Brother*. O sistema de vigilância vinte e quatro horas por dia não constitui, certamente, uma heterotopia para aqueles que são vigiados, mas do ponto de vista de quem controla os mecanismos de vigilância poderá de facto sê-lo. São estes espaços de controlo total que passarei a analisar, partindo das vivências e dos relatos dos protagonistas das duas obras em causa: D-503 e Winston Smith.

I. Espaços de Controlo Total

D-503 é o protagonista de *NÓS*. Um dos aspectos mais intrigantes da obra é o facto de este nos surgir como um feliz habitante de uma espécie de *panopticon*¹¹ gigante que permite ao Benfeitor, líder supremo do Estado Único, escrutinar tudo e todos, concretizando assim a sua heterotopia de controlo. Com efeito, no mundo que nos é amplamente descrito por D-503, os indivíduos, transformados em números, habitam sozinhos em apartamentos de vidro, onde a privacidade é aniquilada e a vigilância deste *NÓS*, que em toda a narração ecoa, é total. Apenas os “Dias Sexuais” dão direito à utilização de persianas:

Ao chegar a casa, corri para o gabinete da vigilante, mostrei o bilhete cor-de-rosa e recebi um certificado que me conferia o Direito a Persianas. Só temos esse direito nos Dias Sexuais.

Normalmente, vivemos cada instante à vista de todos, sempre banhados em luz e cercados de paredes de vidro que parecem feitas de ar refulgente. Nada temos a esconder uns dos outros. Esta forma de viver, assim às claras, facilita a difícil e nobre missão dos guardas. Se assim não fosse, sabe-se lá o que podia acontecer. (*NÓS* 33)

Este processo colectivo de vigilância e auto-vigilância resulta numa obediência perfeitamente interiorizada por parte do sujeito. De resto, no momento em que os indivíduos começam a demonstrar sintomas da terrível *doença da alma*, tais como o sonho ou a paixão, uma simples operação como a *fantasiotomia* resolve o problema, devolvendo os indivíduos à sua existência vítrea, estéril, tão “estéril” e “irrepreensível” (*Nós* 15) como o céu azul que D-503 tanto admira.

Winston Smith é o protagonista de *Nineteen Eighty-Four*. É através dos seus olhos que vemos a sociedade em que vive e é através do seu relato que somos apresentados àquele que tudo vê, tudo ouve e tudo sabe: o *Big Brother*.

The telescreen received and transmitted simultaneously. Any sound that Winston made, above the level of a very low whisper, would be picked up by it; moreover, so long as he remained within the field of vision which the metal plaque commanded, he could be seen as well as heard. There was of course no way of knowing whether you were being watched at any given moment. How often, or on what system, the Thought Police plugged in on any individual wire was guesswork. It was even conceivable that they watched everybody all the time. But at any rate they could plug in your wire whenever they wanted to. You had to live – did live, from habit that became instinct – in the assumption that every sound you made was overheard, and except in darkness, every movement scrutinised. (*Nineteen Eighty-Four* 4-5)

Esta entidade misteriosa assume contornos deíficos e, a não ser nos cartazes que dominam tanto os espaços interiores como os exteriores, nunca foi vista. Para os elementos do Partido Interno, o *Big Brother* é o líder incontestável e a forma encontrada para aterrorizar e manietar os membros do Partido Externo, bem como para justificar todo e qualquer acto, por mais injustificável que este seja. Para os Proles, o *Big Brother* não passa de uma figura de autoridade distante, mas para Winston Smith o *Big Brother* constitui uma inspiração à luta, à rebelião e à edificação de espaços de resistência.

II. Espaços de Resistência

O primeiro acto verdadeiramente subversivo de Winston Smith foi a aquisição de um diário:

The thing that he was about to do was to open a diary. This was not illegal (nothing was illegal, since there were no longer any laws) but if detected it was reasonably certain that it would be punished by death, or at least by twenty-five years in a forced-labour camp. (...) He dipped the pen into the ink and then faltered for just a second. A tremor had gone through his bowels. To mark the paper was a decisive act. (*Nineteen Eighty-Four* 8-9)

De facto, numa sociedade em que a História se alterava e se reescrevia a todo instante, a criação de um espaço onde a memória dos acontecimentos permanecesse inalterada não podia deixar de ser um

acto decisivo. E embora Winston não soubesse muito bem a quem desejava ou a quem poderia deixar o seu legado, a escrita do diário permitia-lhe ter uma voz. É aliás no seu diário, na sua primeira heterotopia de resistência, que Winston registrará as lembranças de outros momentos de transgressão. Muitos destes momentos serão vividos na companhia de Julia, a mulher que a princípio desprezou, pensando que pertencesse à Liga Anti-sexo, mas que na verdade fazia do seu corpo e das relações sexuais que mantinha com diversos homens um verdadeiro espaço de resistência.

A relação de Julia e Winston apresenta-se assim como um novo golpe contra as regras da sociedade vigente, uma sociedade em que o amor e o prazer sexual deveriam ser eliminados, sob pena de se criar qualquer tipo de laço afectivo que pudesse constituir um atentado contra o Partido Interno. De resto, o lema era amar apenas o *Big Brother*. Todavia, Winston amava Julia, e este amor, que o revigorara física e mentalmente, investia-se de uma importância política na medida em que, transgredindo todas as regras, minava os alicerces fundamentais da política alienante encarnada pelo *Big Brother*:

He pulled the overalls aside and studied her smooth white flank. In the old days, he thought, a man looked at a girl's body and saw that it was desirable, and that was the end of the story. But you could not have pure love or pure lust nowadays. No emotion was pure, because everything was mixed up with fear and hatred. Their embrace had been a battle, the climax a victory. It was a blow against the Party. It was a political act. (*Nineteen Eighty-Four* 133)

Esta transgressão pelo amor e pelo prazer far-se-á de forma mais regular a partir do momento em que Julia e Winston alugam um quarto no território dos Proles. É neste quarto que ambos reconstituem um mundo perdido de subjectividade, privacidade, amor, cumplicidade e companheirismo. É neste quarto que conhecem o prazer de romper as barreiras da uniformidade imposta pelo totalitarismo, vestindo-se, alimentando-se, vivendo segundo a sua vontade. É neste quarto que um novo espaço de resistência emerge:

When Winston woke up the hands of the clock had crept round to nearly nine. He did not stir, because Julia was sleeping in the crook of his arm. Most of her make-up had transferred itself to his own face or the bolster, but a light stain of rouge still brought out the beauty of her cheekbone. (...) He wondered vaguely whether in the abolished past it had been a normal experience to lie in bed like this, in the cool of a summer evening, a man and a woman with no clothes on, making love when they chose, not feeling any compulsion to get up, simply lying there and listening to peaceful sounds outside. Surely there could never have been a time when that seemed ordinary? (*Nineteen Eighty-Four* 150)

Ao contrário de Winston Smith, D-503, não escreve – à partida! – o seu diário para contestar o Estado Único, mas sim para exaltá-lo aos olhos de quem não o conheça:

Eu, D-503, construtor do Integral, sou um entre os muitos matemáticos do Estado Único. A minha caneta, acostumada aos números, não consegue criar a música das assonâncias e dos ritmos. Farei os possíveis por descrever o que vejo, o que penso, ou mais precisamente o que nós pensamos (precisamente, nós, e será Nós o título dos meus apontamentos). Estes serão produto da nossa vida, da vida matematicamente perfeita do Estado Único e, sendo-o, não será só por si um poema, independentemente do meu querer? Não tenho dúvidas, sei que assim é. (*NÓS* 14)

Porém, não deixa de ser significativo que em vez de escrever poemas ou ensaios, como o Estado havia solicitado, D-503 opte por um diário, espaço intrinsecamente relacionado com a expressão da interioridade e da subjectividade,ⁱⁱⁱ muito mais do que da racionalização e descrição objectiva do real a que se propõe.

E é assim que, a cada página do seu diário, o fiel discípulo do Estado Único e dos números vai, progressivamente, deixar-se seduzir pelas palavras, bem como pelos sentimentos e os desejos que elas veiculam, a ponto de contrair a assustadora *doença da alma*:

- Está mesmo mal. Tudo indica que se formou uma alma dentro de si.
- Uma alma? Palavra singular, antiga, há muito olvidada... Ocasionalmente ainda se diziam expressões como desalmado, alma-danada, desalmadamente, mas quem, nos dias de hoje diria a palavra alma, assim, nua e crua?
- Será... grave? – balbuciei.
- Incurável – atalharam as tesouras.
(...) O outro número médico ouviu-o, firmou-se nas pernas-estaca-de-ferro, esfrangalhou o médico magro com as pontas dos cornos do olhar, esfrangalhou-me depois a mim.
- O que é que temos? O quê, uma alma? Falou em alma? Que diabo! Não tarda que regresse a cólera, já lhe tenho dito (espetou mais o olhar-cornada no doutor magro). Já lhe tenho dito que é necessário fazermos uma fantasiotomia, uma fantasiotomia geral. (*NÓS* 115-6)

No entanto, enquanto não é submetido a esta *fantasiotomia*, D-503 terá a oportunidade de registar no seu diário, entretanto transformado em confidente das alterações produzidas no seu interior, toda uma série de actos subversivos, actos que atentam contra a sua crença na perfeição do Estado Único e do real matematicamente ordenado e castrador que este representa.

O primeiro desses actos é o triângulo amoroso que mantém com E-330 e O-90. Embora baseada em sentimentos diferentes, a relação que D-503 estabelece com estas duas mulheres será quase sempre sinónimo de transgressão:

Aquela mulher [E-330] exercia sobre mim um efeito tão desagradável como o duma componente irracional que se introduz numa equação e não pode ser analisada. Por isso me agradou ficar a sós com a minha querida O-, embora por pouco tempo. (NÓS 21-2)

O efeito desagradável que D-503 inicialmente sente na presença de E-330 cede rapidamente lugar ao desejo de a possuir, de amar e de ser por ela amado. O passo que em seguida se transcreve é revelador das sensações avassaladoras que D-503 experimenta com E-330:

Uma sensação estranha. Como se as minhas costelas fossem varetas de ferro e me espartilhassem – me espartilhassem literalmente – o coração. Sentia-me asfixiar, sem espaço. Via-me diante duma porta de vidro com as letras E-330 escritas a ouro. (...)

O coração batia-me com tanta força que as varetas de ferro se contorciam; como uma criança, estupidamente, como se fosse uma criança... Fui apanhado na ratoeira, estupidamente... Não abri a boca, sentia-me como se tivesse ido na rede, preso de pés e mãos. (Nós: 70-1)

É, de facto, E-330 quem apresenta D-503 a um mundo de sensibilidade e de libertação que este, mergulhado nas águas paradas do Estado Único, desconhece. É junto desta mulher que o seu vazio interior começa a ser preenchido com novas experiências, tal como o seu diário é preenchido por palavras. E a pouco e pouco D-503 sente que absorve em si toda a realidade e é feliz: "(...) tudo isso estava dentro de mim, tudo estava unido em mim, escutando as pulsações e levantando voo naquele segundo de felicidade..." (Nós 160-1). Contudo, E-330 não é apenas uma mulher apaixonada, ela é também um elemento activo da resistência contra o Estado Único. E o improvável acontece quando D-503, que no início do romance nos surge como um admirador inquestionável do Estado Único, promete seguir e defender esta mulher que o guiou para longe da esterilidade da sua vida passada (Nós 195).

O-90 vai também contribuir para a libertação de D-503, despertando nele um sentimento de protecção e carinho que este nunca havia sentido:

Mãos rechonchudas, pequenas, agarradas à minha manga, olhos redondos e azuis... era ela, era O-. E aí, escorregando ao longo da parede, caiu redonda no chão. Enroscou-se toda, como se fosse uma bola minúscula, e assim ficou nos degraus frios, e eu debruçado sobre ela afagando-lhe a cara, aquela cara... e as minhas mãos ficaram molhadas. Era como se eu fosse enorme e ela extraordinariamente pequena, uma pequena parte de mim próprio. Foi uma emoção completamente diferente da que sentia por E-, e tive nesse momento a noção de que podia ser assim, entre os antigos, a afeição pelos filhos. (Nós: 225)

A biologia feminina, a sua capacidade reprodutiva e a confusão entre reprodução e sexo são por vezes encaradas como as principais causas da opressão exercida sobre a mulher. Todavia, em *Nós*, é pelo desejo de ser mãe e pela concretização desse mesmo desejo que O-90 subverte as regras do Estado Único e experimenta o prazer supremo de criar no espaço do seu corpo um novo espaço de vida:

Estou tão feliz! Estou grávida, grávida até mais não, percebe? E vou andando por todo o lado, mas não ouço nada do que se passa à minha volta. Passo o tempo todo a escutar o que se passa dentro de mim, no interior de mim própria... (Nós 203)

Mas O-90 só pode levar a cabo esta transgressão com a conivência de D-503, o pai da criança, que lhe oferecerá ainda uma possibilidade de levar a sua gravidez até ao fim e escapar ao controlo do Estado Único e do Benfeitor. Esta fuga far-se-á pela Casa da Antiguidade, marco simbólico de uma época em que a transparência do vidro ainda não dominava e em que a opacidade dos lugares era sinónimo de liberdade, privacidade e individualidade:

Abri uma porta pesada, opaca, que rangia, e encontrámo-nos num compartimento escuro, desarrumado (a que chamam "aposentos"). Ouvia-se aquela música do instrumento royal, e as cores e formas de tudo o que se via eram bárbaras tanto quanto a música bárbara, desordenada, louca, daquelas eras remotas. O soalho era branco, as paredes eram azuis, forradas de livros com encadernações vermelhas, verdes, cor-de-laranja; de bronze amarelo eram os candelabros e uma estatueta do Buda; quanto aos móveis, tinham linhas distorcidas, epiléticas, e tudo aquilo era impossível de ser resolvido por qualquer equação.

(Nós 42)

Para além de conservar a memória de um tempo pretérito, a Casa da Antiguidade esconde também uma passagem para lá do Muro Verde, onde vivem os *Mephi*, descendentes dos resistentes da Guerra dos Duzentos Anos que terminara com a constituição do Estado Único. Curiosamente, os *Mephi* são muito semelhantes aos antepassados humanos: os seus corpos são cobertos por pêlos que os protegem do frio e do calor e os alimentos são colhidos directamente da terra. É junto dos *Mephi* que O-90 encontrará a possibilidade de ver nascer o seu filho.

III. A Resistência dos Espaços

Apresentadas que estão as diversas heterotopias de resistência que destaquei em *Nineteen Eighty-Four* e em *Nós*, importa agora perceber qual a resistência e a durabilidade destes espaços. Com efeito, e tal como explica Gonçalo Vilas-Boas, embora sendo realizadas no espaço, as heterotopias são *impossibilidades quando projectadas num eixo temporal* (Vilas-Boas 2002: 95). Por outras palavras, as heterotopias não apresentam qualquer possibilidade de futuro, esgotando-se na vivência do presente. De resto, a prova da impossibilidade da realização das heterotopias no tempo encontra-se no desfecho de ambos os romances. No final de *Nineteen Eighty-Four* testemunhamos como Winston Smith – o último representante da humanidade! (*Nineteen Eighty-Four* 283) – trai os laços de amor que o uniam a Julia, advogando, para aquela que com ele viveu momentos de partilha e libertação, a tortura insuportável que a si reservavam:

The mask was closing on his face. The wire brushed his cheek. And then – no, it was not relief, only hope, a tiny fragment of hope. Too late, perhaps too late. But he had suddenly understood that in the whole world there was just one person to whom he could transfer his punishment – one body that he could thrust between himself and the rats. And he was shouting frantically, over and over: 'Do it to Julia! Do it to Julia! Not me! Julia! I don't care what you do to her. Tear her face off, strip her to the bones. Not me! Julia! Not me!' (*Nineteen Eighty-Four* 300-1)

Destruído o diário (refúgio do espírito, marco da subjectividade), invadido o quarto (refúgio do corpo, marco da privacidade), é pela tortura que o *Big Brother* e os seus agentes esvaziam Winston do seu último espaço de resistência: o amor e a confiança que depositava em Julia. Este será substituído pelo amor pelo *Big Brother*, símbolo do controlo, da repressão e da atrocidade:

He gazed up at the enormous face. Forty years it had taken him to learn what kind of smile was hidden beneath the dark moustache. O cruel, needless misunderstanding! O stubborn, self-willed exile from the loving breast! Two gin-scented tears trickled down the sides of his nose. But it was all right, everything was all right, the struggle was finished. He had won the victory over himself. He loved Big Brother. (*Nineteen Eighty-Four* 311)

Também D-503 regressará ao seu velho amor pelo Benfeitor. Com a descoberta e conseqüente destruição do diário, o seu reduto de subjectividade esvai-se. Curada a *doença da alma*, por intermédio de uma *fantasiotomia*, D-503 prontamente denuncia aquela a quem prometeu proteger e seguir, aquela que o acordou para uma existência longe da lógica e da previsibilidade dos números. A facilidade com que D-503 trai E-330, à semelhança do que o próprio Winston Smith faz com Julia, não pode deixar de surpreender o leitor que termina os dois romances com um travo demasiado amargo na boca. Na verdade, mais do que a indiferença, o que é difícil de compreender, e sobretudo aceitar, é o encantamento com que D-503 observa a tortura de E-330:

Trouxeram a mulher. Teve que prestar testemunho na minha presença. A mulher permaneceu teimosamente silenciosa, sorrindo. (...) Meteram-na na Campânula. Começou a ficar branca e, como tinha uns olhos pretos, enormes, o efeito era de uma beleza extrema. Quando o ar começou a ser extraído da Campânula de Vidro, atirou a cabeça para trás, semi-cerrou os olhos e comprimiu os lábios – o que me fez lembrar qualquer coisa. Fitou os olhos em mim, sem desprender as mãos dos braços da cadeira... e fitou-me até os olhos se lhe fecharem completamente. Retiraram-na logo a seguir, fizeram-na recuperar a consciência com a ajuda de eléctrodos, para logo de seguida a introduzirem de novo na Campânula de Vidro. Fizeram isto três vezes, mas ela não disse uma única palavra. (*Nós* 273)

Este encantamento é a prova da submissão final de D-503 ao Estado Único, ao Benfeitor e à total racionalização do real.

IV. Em Busca de Novos Espaços de Resistência...

Foi minha intenção com este trabalho provar que as heterotopias de resistência, impulsionadas pelo desejo de subverter e escapar a heterotopias de controle, são concretizáveis no espaço, mas nunca no tempo. Os desfechos das duas obras que serviram de base a este trabalho sustentam essa ideia. Ainda assim, e mesmo confrontada com a falência do amor e com a invasão de todos os espaços de evasão, pergunto-me se restará em *Nineteen Eighty-Four* ou em *Nós* alguma nota de esperança traduzida num último espaço de resistência.

Muitos, à semelhança de Winston Smith, verão nos Proles uma força capaz de alterar o rumo da História. Outros pensarão que Julia continuará, pela afirmação da sua feminilidade e pela vivência de uma sexualidade desabrida, a instigar o aparecimento de novos "Winstons" que também desferirão os seus ataques contra o *Big Brother*. Alguns lembrar-se-ão ainda da criança que O-90 carregava no ventre e que poderá, eventualmente, um dia, derrubar o Muro Verde e com ele os limites castradores do Estado Único.

Pessoalmente, acredito que a existência livre dos Proles e dos *Mephi* prova que nunca o ser humano e a sua humanidade serão totalmente destruídos, mesmo que para tal seja necessária uma regressão na sua evolução. De resto, as palavras de E-330 ficarão para sempre a ecoar na mente dos leitores: "Não há última revolução. As revoluções são infinitas em número. A última revolução é coisa de crianças" (*Nós* 207).

A História é cíclica, os momentos de crise e mudança sucedem-se, mas a resistência existe em ambas as distopias. Por conseguinte, e ainda que essa resistência não seja imediatamente capaz de derrubar as forças da opressão, ela tem a capacidade de minar pouco a pouco os alicerces do poder absoluto, concedendo aos indivíduos espaços Outros de libertação.

Referências Bibliográficas

Baccolini, Raffaella & Tom Moylan (2003), "Dystopia and Histories" in *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*, Eds Baccolini & Moylan, New York, Routledge, pp. 225-231.

Ferreira, Aline Seabra (2004), "Utopias Feministas: Visões Proféticas de Um Mundo Novo" in *Estilhaços de Sonhos: Espaços de Utopia*, Orgs Fátima Vieira e Maria Teresa Castilho, Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições, pp. 92-107.

Foucault, Michel (1967), "Of Other Spaces", <http://www.foucault.info> (página acedida em 21 de Janeiro de 2006).

Hetherington, Kevin (1997), *The Badlands of Modernity, Heterotopia and Social Ordering*, London, Routledge.

Kirby, Kathleen (1996), *Indifferent Boundaries: Spatial Concepts of Human Subjectivity*, New York, The Guildford Press.

Orwell, George (1987), *Nineteen Eighty-Four*, London, Penguin.

_____ (1947), "Why I write", <http://www.k-1.com/Orwell/site/work/essays.html> (página acedida em 21 de Janeiro de 2006).

Vilas-Boas, Gonçalo (2002), "Utopias, distopias e heterotopias na literatura de expressão alemã" in *Cadernos de Literatura Comparada 6/7: Utopias*, Orgs Fátima Vieira e Jorge Miguel Bastos da Silva, Porto, Granito/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, pp. 95-118.

Zamiatine, Evgueni (2004), *Nós*, Trad. Manuel João Gomes, Lisboa, Antígona.

ⁱ ORWELL, George (1947). "Why I write". <http://www.k-1.com/Orwell/site/work/essays.html> (página acedida em 21 de Janeiro de 2006).

ⁱⁱ Em 1785, Jeremy Bentham, filósofo Inglês e fundador do Utilitarismo, começou a trabalhar no plano de uma prisão que pretendia ser inovadora e que baptizou de *panopticon*. Como o próprio nome indicia – “visão total” – a originalidade desta prisão residia no facto de um simples guarda, estrategicamente colocado, poder controlar todo o espaço do presídio e todos os reclusos que lá se encontrassem. Esta prisão nunca chegou a ser construída por Bentham, mas o seu conceito inspirou e continua ainda a inspirar debate e controvérsia. Michel Foucault, por exemplo, vai recuperar o conceito de *panopticon* para discutir as questões do poder e do espaço.

De resto, ainda recentemente o director do IPO (Instituto Português de Oncologia) de Lisboa defendeu que as novas instalações do hospital deveriam seguir um plano de corredores com um posto central que permitisse a um só enfermeiro ter acesso visual a todos os quartos dos pacientes. Ora isto não é mais do que uma recriação do plano de Bentham, embora o objectivo seja prestar cuidados mais rápidos e eficazes aos pacientes e não propriamente garantir o seu cárcere.

ⁱⁱⁱ Kathleen Kirby, em *Indifferent Boundaries: Spatial Concepts of Human Subjectivity*, refere-se às palavras como sendo uma espécie de roupagem da nossa subjectividade, onde se acomoda pelo menos parcialmente a nossa identidade (Kirby 1996: 13-4). Se partilharmos esta sua visão das palavras, somos levados, naturalmente, a concluir que o diário é uma forma privilegiada de fazer fluir as palavras e com elas aceder ao espaço da nossa subjectividade. Ora isto revelar-se-á de suma importância para Winston Smith e D-503 que, vivendo num contexto opressivo e castrador, terão no diário um atalho para o interior de si mesmos, que os levará à descoberta do Outro e de si próprios.